

O SOCIALISMO DOS IDIOTAS

Maurício Waldman¹

Ao que tudo indica, o anti-semitismo constitui uma psicose tipicamente européia e ocidental. Vários estudos atestam sua inexistência junto às sociedades extra-européias.

Embora a Civilização Ocidental seja impensável sem a participação judaica - origem de contribuições como o Monoteísmo, o Antigo Testamento, o Cristianismo, Marx, Freud, Einstein e um terço dos laureados com o Prêmio Nobel -, foi justamente em seu seio que o anti-semitismo medrou, principalmente a partir da Idade Média.

Neste período, é construído o estereótipo do judeu: o povo deicida, o usurário, de um ser - o próprio judeu - entendido como uma criatura inapelavelmente voltada para o mal. Estas são as bases imaginárias do racismo anti-semita.

Uma complexa interpretação de fatores explica este estereótipo. Lembra o historiador brasileiro Jaime Pinsky, o judeu na Idade Média, "era integrado pela rejeição, engendrado como marginal e diferenciado para que não deixasse de existir". Esta equação ratificou o anti-semitismo no passado, servindo de base para o anti-semitismo moderno.

É o professor norte-americano Raul Hilberg (in *Shoa*, no brilhante texto de Claude Lanzman), que assinala os traços de similaridade entre os anti-semitismos antigos e os modernos. Os nazistas, por exemplo, tomaram do bestiário medieval o essencial do conteúdo das leis que promulgaram, dentre elas, a exclusão dos judeus dos cargos públicos, a proibição de casamentos mistos, a proibição de contratar judeus, os decretos de marcação (a estrela amarela em particular), o gueto obrigatório, a colocação sob tutela de todo o testamento judaico que porventura viesse a excluir da herança um cristão.

Grande número destas medidas foi moldado ao longo do tempo, *durante mais de mil anos*, pelas autoridades da Igreja e depois, pelos governos seculares que caminharam nas suas pegadas. O paralelo entre a legislação medieval e os códigos nazistas é simplesmente absoluto.

Os nazistas distinguiram-se numa particularidade: a invenção da *Solução Final*. Mesmo assim, caberia postular uma progressão lógica, que atingiria sua maturidade no holocausto nazista. Primeiramente, foram impostas aos judeus as conversões forçadas; depois, o confinamento nos guetos; em último caso, a expulsão.

¹ Sociólogo, membro da Comissão de Assuntos Judaicos do PT de São Paulo.

Mas, somente a Solução Final foi verdadeiramente final. Afinal, os convertidos poderiam praticar secretamente seu judaísmo. Os expulsos, poderiam retornar um dia. Mas os mortos, estes seguramente não retornariam jamais.

Graças à *Solução Final*, perpetrou-se um bárbaro genocídio no qual a terça parte dos judeus foi assassinada, sendo que dentre as vítimas, a terça parte era constituída por crianças. A *Solução Final* foi um ensaio geral visando posterior reedição apontando para muitos outros grupos - como os povos eslavos e os ciganos - considerados inferiores pela ideologia nazista.

Entretanto, enganam-se os que preconizam o anti-semitismo como um "monopólio da direita reacionária". Na esquerda, o anti-semitismo também faz sua aparição. Embora com outros argumentos, não deixam de acionar um substrato cultural anti-semita, primorosamente cultivado durante séculos.

O judeu maldito, este eterno semeador da discórdia a corroer os alicerces da civilização, retorna nesta nova mitologia, sob novos disfarces. Ele responde por uma terminologia específica, verdadeiros codinomes.

Para o Stalinismo, tal seria o caso dos "elementos cosmopolitas". Ou então, na versão "de esquerda" do *judaísmo internacional* dos nazistas, teríamos o *sionismo internacional*. Neste último paradigma, como recorda o pesquisador Leon Poliakov, os judeus, independentemente de serem sionistas ou não, estariam condenados ao "sionismo eterno".

Na Polônia, na década de 60, a burocracia do Partido Comunista não hesitou um segundo sequer no momento de descobrir a causa suprema da infelicidade do socialismo polonês. Remexendo fundo no esgoto cultural da Idade Média, a burocracia rapidamente reconheceu o inimigo. Declarou uma guerra contra ele. Decretou uma campanha "anti-sionista" voltada para expurgar os "insolentes" conspiradores infiltrados no aparato de Estado e até mesmo no partido.

Graças à campanha desenvolvida no governo Wladislaw Gomulka (1956/1970), a burocracia conseguiu finalmente finalizar o trabalho iniciado pelos carrascos nazistas. Os poucos judeus remanescentes do genocídio (5% do total anterior à guerra), tiveram de abandonar o país. A Polónia tornou-se finalmente *judenrein*, isto é, sem judeus.

Este "anti-sionismo" não é uma dádiva exclusiva dos sonolentos burocratas varsovianos. Ele ainda é compartilhado por órfãos do socialismo real em todo o mundo. No Brasil, ele é nítido durante as campanhas eleitorais (como a de 1990), com a súbita descoberta de "inclinações sionistas", detectadas em candidatos judeus do mesmo partido.

Assinalam os psicanalistas Marie Jahoda e Nathan Ackerman, o anti-semitismo, ao se configurar enquanto sintoma de um distúrbio emocional profundo, não constitui mero epifenômeno da luta de classes.

Por isso mesmo, já alertava o socialista alemão August Bebel (1840/1913), o anti-semitismo é sumamente o *socialismo dos idiotas*.

**AUTORIZADA CITAÇÃO E/OU REPRODUÇÃO DESTE TEXTO
DESDE QUE INDICADA A MENÇÃO BIBLIOGRÁFICA:**

WALDMAN, Maurício. *O Socialismo dos Idiotas*. Dossiê Véspera, AGEN - Agência Ecumênica de Notícias, São Paulo (SP), nº 3, p. 7, 21-02-1993.

PROF. DR. MAURÍCIO WALDMAN - INFORMAÇÕES PORMENORIZADAS

Home-Page Pessoal: www.mw.pro.br

Biografia Wikipedia english: http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman

Currículo no CNPq - Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>